

O gendramento da infância através dos livros infantis: possíveis consequências em meninos e meninas

Andressa Botton*
Marlene Neves Strey**

Resumo

Este artigo é fruto do interesse em problematizar o binarismo sexual baseado no determinismo biológico, considerando que, desde a infância, são ensinados modos de exercer as ditas masculinidades e feminilidades, baseadas em construções sociais sexistas e patriarcais de acordo com o sexo e o seu gênero correspondente. Dessa forma, teve como enfoque o estudo das teorias de gênero feministas, num viés pós-estruturalista de análise. Assim, realizamos uma análise de dez livros infantis premiados durante uma década (2001-2010) pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Os objetivos do estudo buscaram compreender como as questões de gênero são mostradas nessas obras e se/como contribuem para a manutenção dos estereótipos de gênero e posteriores atitudes de submissão das mulheres em relação à dominação masculina. Para atingi-los, utilizamos a Análise de Discurso nos textos desses livros e a Análise Semiótica de Imagens Paradas nas ilustrações, configurando uma proposta de triangulação de métodos. Percebe-se, com isso, que os estereótipos de gênero tradicionais ainda estão muito presentes nessas obras contemporâneas, expondo a maternidade, o casamento e a dependência masculina associadas às figuras femininas. Já questões como o livre-arbítrio para se manifestarem nos cenários públicos, a coragem e a virilidade foram vinculadas às figuras masculinas, sucumbindo a finais tradicionalmente estereotipados em relação às questões de gênero e, assim, suscitando ideias de como intervir a fim de promover a equidade de gênero na infância.

Palavras-chave: Gênero. Infância. Literatura infantil.

* Mestre e Doutoranda em Educação na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). Psicóloga do Núcleo de Atenção ao Estudante e ao Servidor (NAES) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), campus de Cachoeira do Sul.

** Doutora em Psicologia pela Universidad Autónoma de Madrid (UAM), Espanha. Professora do Curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS).

Introdução

Quando pensamos nas possíveis infâncias no mundo ocidental, refletimos sobre algumas das particularidades que fazem parte do seu universo. É a época de ir pela primeira vez à escola, dos diversos brinquedos e brincadeiras, desenhos animados, joguinhos virtuais, esportes, entre tantas outras, das quais não poderíamos deixar de mencionar a leitura dos livros infantis. Esses são materiais que estão disponíveis a, praticamente, todas as crianças, seja através da família, da escola ou de políticas de incentivo à leitura, que se expandem de maneira considerável em nosso país.

Ao refletirmos e problematizarmos essas particularidades, percebemos que elas atendem a demandas específicas da infância, principalmente trazendo dados da realidade que as circunda e que os(as) pequenos(as) estão recém começando a conhecer. Desse modo, conquistam a atenção das crianças repassando normas e práticas de um mundo em que elas, embora o desconheçam em parte, esforçam-se para se sentirem incluídas e serem integradas pelos adultos, suas figuras de inspiração.

Com a literatura infantil não é diferente, pois podemos até enxergá-la como auxiliar no desenvolvimento cognitivo infantil e/ou como sinônimo da inclinação da criança para o mundo intelectual tão valorizado entre os mais velhos. Mas ela pode – e deve – ser vista, também, como um dispositivo capaz de favorecer a incisão das ideias e opiniões ali contidas, bem como a consolidação das mesmas como regras que precisam ser seguidas à risca.

Ao ser escrita, geralmente, por homens e mulheres adultos(as), transmite modelos de comportamento aceitáveis socialmente e modos de ser e de viver que esses mesmos adultos querem que seus filhos e filhas, alunos e alunas e as crianças em geral sigam como exemplos. Há a finalidade de ensinar e conformar as crianças aos padrões existentes e aos pensamentos sociais em vigor, sendo o livro infantil um instrumento capaz de propiciar a adoção de hábitos e comportamentos socialmente aceitos e preferidos (WILKE, 2008; ZILBERMAN, 2006).

Com tal consciência da influência que os livros podem ter nas vivências diárias das crianças, cabe aprofundarmos a análise desses discursos ali veiculados. Com base nas teorias de gênero pós-estruturalistas, julgamos necessário investigar uma característica já naturalizada na sociedade contemporânea, que inicia na descoberta do sexo do bebê e perdura por toda a vida, em todos os contextos. É a imposição de estereótipos de gênero e papéis sexuais/sociais que, baseados em discursos binaristas instituídos e banalizados, resultam na incorporação e execução de masculinidades e feminilidades, vistas como naturais.

Desse modo, traçamos os objetivos desta pesquisa, a fim de compreender como as questões de gênero são mostradas nessas obras e se/como contribuem para a manutenção dos estereótipos de gênero e posteriores atitudes de submissão das mulheres em relação à dominação masculina. Isso porque, na contemporaneidade, meninos e meninas e homens e mulheres estão intensamente expostos ao binarismo sexual presente nos diversos contextos sociais: ou se é homem, ou se é mulher, e sempre há um preço a pagar por essa determinação biológica. Essa classificação que o sujeito geralmente recebe ainda na vida intrauterina influenciará em suas escolhas, opiniões, comportamentos e relacionamentos ao longo dos anos, determinando uma sociedade baseada na heterossexualidade compulsória (ARÁN; PEIXOTO JÚNIOR, 2007; BUTLER, 2008; PAECHTER, 2009).

Esse é um fenômeno social que pode ser considerado um ato de dominação ligado ao corpo, como nos esclarecem Butler (2001, 2008) e Louro (2001), pois ao interpretar o sexo como uma determinação sobre o futuro de meninos e meninas, não permitimos as manifestações subjetivas das singularidades e da multiplicidade das diferenças, fazendo com que as pessoas sigam modelos de vivência que, muitas vezes, não correspondem às suas próprias e verdadeiras vontades.

Cabe lembrarmos que, embora o aparelho genital tenha uma influência significativa tanto no desenvolvimento quanto na manutenção de características ditas femininas e masculinas em nossa cultura, o sexo físico não pode ser o único aspecto considerado quando falamos da representação de um homem e de uma mulher, já que ele é socialmente construído e não deve significar a confirmação ou a refutação de atuações futuras que são estabelecidas no nascimento ou antes dele (BUTLER, 2001; FEMENIAS, 2003; RODRIGUES, 2005, PAECHTER, 2009).

Nessa perspectiva, esclarecemos que nossa intenção não é a negação à existência dos sexos determinados biologicamente, mas uma problematização às construções histórico-sociais que o entendem como limite às expressões singulares de cada sujeito, e determinam que crianças e adultos se comportem, vistam-se e expressem-se de acordo com normas sociais específicas, dependentes do seu sexo.

É através delas que se consolidam os estereótipos de gênero que vemos tão claros e naturalizados atualmente, presentes em diferentes contextos sociais, como escola, família, grupo de amigos, mídia, publicidade e, embasando este estudo, na literatura infantil. São tais estereótipos que nos acostumam a ver como normal e natural uma mulher ser sentimental, enquanto um homem deve ser insensível, não demonstrando seus sentimentos e fraquezas.

Método

Partindo dessa preocupação com tais influências – e com as possíveis consequências na vida de meninos e meninas, e no seu futuro quando adultos –, realizamos o presente estudo, fruto da dissertação de mestrado da Andressa Botton (2011). Primeiramente, definimos a escolha do corpus da pesquisa, optando pela análise de dez livros infantis premiados pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) na categoria “Criança”, recebendo o “Prêmio FNLIJ – O melhor para a criança”. Destaca-se que o período escolhido foi de 2001 a 2010, com um livro premiado a cada ano.

A seguir, seguem os títulos dos livros analisados, seu/sua respectivo(a) autor(a) e o ano de premiação: *Chica e João*, de Nelson Cruz (2000), 2001; *Mania de Explicação*, de Adriana Falcão (2001), 2002; *A princesinha medrosa*, de Odilon Moraes (2002), 2003; *O segredo da chuva*, de Daniel Munduruku (2003), 2004; *Pedro e Lua*, de Odilon Moraes (2004), 2005; *Murucututu, a coruja grande da noite*, de Marcos Bagno (2005), 2006; *O menino, o cachorro*, de Simone Bibian (2006), 2007; *O jogo de amarelinha*, de Graziela Bozano Hetzel (2007), 2008; *O guarda-chuva do vovô*, de Carolina Moreyra (2008), 2009; e *O lobo*, de Graziela Bozano Hetzel (2009), 2010.

A pesquisa seguiu o delineamento da análise documental e, para a sua realização e compreensão dos dados escritos presentes nos livros, foi utilizada a Análise de Discurso (GILL, 2005). Para as imagens – um componente significativamente relevante nos livros infantis – empregamos a técnica da Análise Semiótica de Imagens Paradas que, segundo Penn (2002), propõe uma desconstrução do processo que naturaliza as imagens, identificando os elementos implícitos na sua representação. Para explicar a utilização desses dois modos de análise de dados, baseamo-nos na compreensão da triangulação de métodos, proposta por Flick (2004), Mathison (1988) e Minayo (2008), que mencionam o uso complementar de mais de um método ao estudarmos um fenômeno social. Essa combinação, segundo o(as) autor(as), tem por objetivo oferecer maior fidedignidade aos resultados do estudo.

Análise e discussão dos dados

Para iniciar nossa análise, percebemos o quanto o universo infantil se faz uma temática presente nas obras escolhidas. Os dez livros trazem narrativas com contextos e temas bem variados, porém com uma semelhante “coincidência”: nove protagonistas são crianças. Junto a isso, os adultos estão sempre presentes, ocupando o papel de mães, pais, avós, avôs etc., facilitando a identificação das crianças com esses personagens, pois

se aproximam do mundo em que vivem. Zancani (2001) alerta que essas são mensagens construídas de forma proposital que têm como destino as crianças e sua possibilidade de espelhamento.

Assim, com a criança enxergando-se naquele(a) personagem, consegue construir – em sua fantasia – seus caminhos pelas páginas dos livros, pelos conflitos enfrentados que, ao final, são vencidos. Isso porque, todas as obras trazem finais felizes, desafios superados, angústias acalmadas, sendo, de forma sedutora, um convite à identificação. Nessa perspectiva, os outros aspectos apresentados nas histórias também estão ali para serem modelos e, quando pensamos nas relações de gênero estereotipadas, preocupa o quanto possam ser influentes, pois, como já mencionamos, os livros são apenas um dos inúmeros dispositivos de informação que trazem (e repetem) padrões semelhantes para as crianças.

A seguir, faremos uma síntese dos dados colhidos em cada um dos livros analisados na pesquisa de dissertação. É possível notar as relações de gênero apresentadas de forma tradicionalmente estereotipada, com dados que nos fazem refletir sobre a intensidade com que é propagada a ideia da heterossexualidade compulsória. Começamos com “Chica e João” (CRUZ, 2000), que conta a história de uma escrava brasileira (Chica) que se apaixonou (e foi correspondida) por um cavaleiro português (João), casando-se com ele e mudando completamente de vida, ascendendo financeiramente e tendo seus desejos realizados. A seguir, expomos um trecho e uma figura, que representam a união dos dois e uma alusão ao clássico final dos contos de fadas tradicionais com o seu “viveram felizes para sempre”:

Pouco tempo depois de sua chegada, os moradores de Tijuco assistiram estarrecidos a minha união com o contratador João Fernandes. E o novo rei teve uma rainha [...]. [João] Construiu um castelo para que eu reinasse diante dos portugueses, dos negros e daqueles que ousassem desafiar o poder da ex-escrava. Aos olhos de negros, morenos, mulatos e pardos tornei-me autoridade máxima. (CRUZ, 2000, p. 17; 19).

Figura 1 – Chica e João



Fonte: Cruz (2000, p. 18).

Além do discurso da obra, há uma imagem (Figura 1) complementando que remete à clássica união católica: o compromisso através do anel/aliança. Esse sentimento de amor que é entendido como sublime e “acima de tudo e de todos” é explicado por Felipe (2010) e Scholze (2001), que esclarecem essa vivência como extraordinária e incomparável, mas que só é aceita socialmente quando experienciada por um casal heterossexual – como está bem claro no livro, inclusive pelo título. Para completar, a fantasia coletiva desenha uma dupla/casal sempre através de papéis bem definidos entre o que é do masculino e o que é do feminino, restando à mulher o comportamento de entrega ao outro, já que também é vista como a mais sentimental da relação, a qual cabe a incumbência de fazer o sentimento de amor persistir, assim como o relacionamento.

No livro *A princesinha medrosa* (MORAES, 2002), percebemos, novamente, essa alusão ao casamento como uma alternativa para resolver o conflito da protagonista. Essa que, já no título do livro, é representativa do estereótipo que as meninas, desde muito pequenas, enxergam-se e desejam encarnar: o de princesa. Ressalta-se, ainda, que a personagem do livro não é “apenas” uma “princesa”, mas uma “princesinha”, assim, no diminutivo, e medrosa, o que afirma e reforça, duplamente, a fragilidade da figura feminina. Salientamos que o temor é constitutivo da estereotipada identidade feminina quando fica claro que o medo da princesinha é de ficar sozinha: “havia outra coisa que também a afligia: tinha medo de ficar sozinha” (MORAES, 2002).

A obra não explicita que o casamento é algo almejado pela protagonista, mas, sabemos que, socialmente, a possibilidade de não casar e ficar sozinha, ou “ficar solteirona”, ainda assombra e aflige grande parcela das mulheres contemporâneas. Será essa personagem uma representante de inúmeras mulheres atuais que tem medo de não encontrar seu príncipe encantado e viverem seu destino solitariamente?

Felipe (2010) explica-nos que o amor é sentimento humano que sempre é descrito como o responsável por dar sentido a nossa existência, fazendo com que experienciemos sensações indescritíveis de puro êxtase, total completude e uma alegria que é espantosa. Questionamos, assim, qual a menina que lê o livro e não vai desejar conhecer um “príncipe” como o personagem do outro livro, João – herói e salvador – cruzando seu caminho, mudando sua vida e lhe dando um lindo anel de brilhantes? Com essa descrição tão plena da relação amorosa e do casamento tradicional, quase não há espaço para escapar desse desejo – imposto.

Outro estereótipo clássico das relações de gênero tradicionais é a submissão das mulheres em relação aos homens, como podemos ver no livro infantil *O segredo da chuva* (MUNDURUKU, 2003). Dentre tantos exemplos, chamamos a atenção para um deles, que mostra uma criança (Lua, o protagonista, com nove anos) valente e não

demonstra seus sentimentos de emoção e fragilidade, diferentemente de sua mãe, que chora e é muito emotiva. Na passagem a seguir, é possível exemplificar tal reflexão: “Lua deixou sua aldeia e os parentes. Fez questão de não se virar para evitar ver sua mãe chorar, quis ser forte” (MUNDURUKU, 2003, p. 14). O menino representa o estereótipo de insensibilidade e “macheza” tão difundido entre os homens, desde que são crianças escutam que “é para parar de chorar, pois homem não chora”.

O livro traz outra passagem que se faz necessário contextualizar: quando a mãe do protagonista adverte que há uma divisão de gênero visível no contexto em que vivem, através da expressão “Casa dos Homens”, local onde são discutidos assuntos importantes e do interesse de todos(as) – mas que contam, apenas, com a participação de integrantes do sexo masculino. O trecho esclarece que: “Também, é só nisso que vocês falam na Casa dos Homens! Há muito tempo tenho reparado que os homens estão preocupados com a falta de chuvas em nossa terra” (MUNDURUKU, 2003, p. 8).

Refletimos, através dos pensamentos feministas, que as figuras femininas dessa obra estão presentes para reconhecer a importância e conhecimento que os homens detêm, estando numa posição de submissão em relação à inteligência e possibilidade de decisão e posicionamento deles. Sobre tal fato, percebemos que, historicamente, as mulheres foram – e, muitas vezes, ainda são – submissas ao controle e poder de decisão dos homens, ficando restritas a circular em cenários íntimos – entendendo que esse é o seu “devido” lugar, como nos explicam Silva e Amazonas (2009).

Em outra obra, intitulada *Mania de explicação* (FALCÃO, 2001), uma das imagens (Figura 2) traz uma explicação sobre de onde se originam os bebês humanos e os filhotes de animais. Nessa cena, é perceptível o estereótipo do masculino e do feminino nitidamente diferenciados através de construções sociais baseadas no rosa para meninas e no azul para meninos, nos cabelos compridos e vestidos para as mulheres sendo reforçados pelo símbolo do masculino e do feminino, como pode ser visto na figura 2.

Figura 2 – *Mania de Explicação*



Fonte: Falcão (2001).

Nessa perspectiva, Wittig (2009) alerta que quando afirmamos que a divisão entre homens e mulheres existe e é “natural”, ao mesmo tempo normatizam-se as construções históricas que dividem – e postulam como opostos – o masculino e o feminino, o homem e a mulher, não sobrando espaço para as diferentes configurações familiares da atualidade, normatizando, também, nossas opressões às mesmas.

Em outra obra, *O menino, o cachorro* (BIBIAN, 2006) também percebemos essa mesma dicotomia entre o mundo masculino e o feminino. Embora o texto traga que “O menino brincava de muitas coisas” (BIBIAN, 2006), o que abre a possibilidade de pensarmos numa diversificação, o protagonista é retratado repetindo as clássicas e tradicionais brincadeiras de meninos, que usam o corpo, com agilidade, coragem e até comportamentos agressivos. Ele é mostrado sentado em um animal selvagem que lhe serve de balanço, tem um dinossauro e um macaco de brinquedo, brinca de robô, de astronauta e de aviãozinho. Além disso, em seu desenho pendurado na parede, assim como na obra descrita anteriormente, o retrato do homem vincula-se ao azul e da mulher ao rosa e ao uso do vestido, como vemos na figura 3.

Figura 3 – *O menino, o cachorro*



Fonte: Bibian (2006).

Tais associações de comportamentos, características e objetos a um dos sexos soa tão automática que, por instantes, podemos esquecer que são resultados de construções históricas e sociais. Usar vestido e ter cabelos compridos para as mulheres, as cores distintas para os dois universos e os símbolos, conjuntamente, associados ao sexo foram, ao longo do tempo, sendo entendidos como representantes do que é masculino e do que é feminino, auxiliando na cristalização dessas características e, conseqüentemente, dos estereótipos de gênero, não sobrando espaço para diferentes formas de expressão ou de relação/relacionamento entre os sujeitos.

Outro ponto em destaque nos livros analisados foi a presença, no contexto familiar, de suas possibilidades de configurações contemporâneas e das repetições dos estereótipos das relações e papéis de gênero tradicionais. Em *O jogo da amarelinha* (HETZEL, 2007), no lugar da mãe da protagonista (Letícia) está Lúcia, sua madrastra.

Essa, porém, pode ser vista como a “boadrasta”, pois exerce o papel que é esperado pela sociedade por toda a mulher, exercendo a maternagem de sua enteada com zelo, carinho e cuidados dignos de uma mãe. Com essas características, o enredo da história narra o luto da menina pela perda da mãe e da aceitação da ma(boa)drasta: “O vulto se aproxima, toca sua testa, beija seu rosto, aconchega a coberta no corpo miúdo. Não é Clara [a mãe], é a madrastra” (HETZEL, 2007, p. 25).

Além disso, Lúcia – como uma “boa” mãe – cuida para que a enteada não se afaste daquilo que é esperado para uma menina: ser bem comportada, não ser agitada e estar sempre bem vestida, enfeitada, com tope no cabelo. Podemos perceber nas clássicas cores e acessórios femininos mostrados nas vestimentas de Letícia – um vestido rosa, uma saia roxa, uma blusa com rendinhas e os laços no cabelo que, quando ela perde, ganha outro para substituir.

Figura 4 – O jogo da amarelinha



Fonte: Hetzel (2007, p. 15).

Figura 5 – O jogo da amarelinha



Fonte: Hetzel (2007, p. 29).

A madrastra ainda deixa muito clara sua desaprovação a certos modos de ser e se comportar da enteada, quando lemos: “Aquela menina não tem jeito, pensa, olhando-a de esguelha: cabelos desgrenhados, as pernas magras e compridas cobertas de manchas roxas, pés encardidos de tanto andar descalça, os sapatos sempre atirados ao léu, sem serventia” (HETZEL, 2007, p. 9). Assim, trata de mascarar esses desvios comportamentais com aparências externas, mostrando que, de alguma forma, a enteada se parece com o que é esperado de uma menina.

Em *O guarda chuva do vovô* (MOREYRA, 2008) também percebemos uma configuração familiar diferente da tradicional, pois não há a presença de uma mãe. Essa ausência, porém, pode nem ser sentida, pois há outra figura feminina – a avó – que toma esse lugar, cuidando da neta e do filho (ou genro), com a mesma disposição que uma mãe e uma esposa devem ter. Ela faz o bolo para o café da tarde, abraça com afeto e cuida para que os outros personagens não se molhem na chuva, usando o guarda chuva do vovô, que dá nome ao livro. Quem sente a falta da mãe real quando há outra mulher ocupando esse espaço da forma como a primeira deveria estar fazendo?

Figura 6 – O guarda-chuva do vovô

Fonte: Moreyra (2008).

Figura 7 – O guarda-chuva do vovô

Fonte: Moreyra (2008).

A personagem dessa obra, assim como Letícia de *O jogo de amarelinha* (HETZEL, 2007), veste-se de maneira “feminina”, indo ao encontro do que nos dizem Martins e Hoffmann (2007). As autoras salientam que tanto masculinidades quanto feminilidades podem ser reforçadas pela forma como meninos e meninas se vestem e adereçam seu corpo, já que essa é uma importante linguagem não verbal e que expressa perfis de como entendemos atos e maneiras de ser e de viver como (im)próprias para cada sexo. Assim, cores suaves como lilás, rosa e amarelo, vestidos e saias, rendas bordados e, claro, cabelo enfeitado, trazem uma caracterização de feminilidade, delicadeza e fragilidade às personagens que assim transitam nessas páginas das obras infantis.

Figura 8 – O guarda-chuva do vovô

Fonte: Moreyra (2008).

Figura 9 – O guarda-chuva do vovô

Fonte: Moreyra (2008).

Na última obra premiada, ou seja, de todas as analisadas, a publicada mais recentemente, vê-se uma produção completamente patriarcal, com discursos e imagens que ferem qualquer possibilidade de transcender o tradicional. Em *O lobo* (HETZEL, 2009) é narrada a história de uma família que se desestrutura quando o pai desaparece. Para a protagonista – uma menina, na tenra infância –, sua ausência não é explicada de forma verdadeira, mas no decorrer da história percebe-se que ele foi preso. Durante todo o livro a menina não consegue elaborar o luto pela ausência do pai, não permitindo que a mãe tome seu lugar, como vemos a seguir: “A mãe quis ler a história para ela. Lília não quis. Aquela era só dela e do pai. Ia esperar por ele para saber o resto. A mãe não insistiu. Também ela vivendo em compasso de espera” (HETZEL, 2009, p. 26). Nessa perspectiva, percebemos que a vida da mãe e da filha só volta ao normal quando, no final do livro, o pai retorna e essas duas mulheres se reestruturam emocionalmente.

A autora Moreno (1999) revela-nos que, desde muito cedo, os modelos de como ser mulher – e ser mãe é um deles – estão presentes na vida das meninas. Precisamos cuidar das nossas bonecas, das nossas casinhas de brinquedo e, experienciando nas brincadeiras, vamos constituindo nossa identidade. Desse modo, quando as pequenas leem um livro como os citados acima, não estranham essa indiscutível associação da mulher com uma figura cuidadora, amável, zelosa e altruísta, próxima ao que Badinter (1985) problematiza quando escreve sobre o mito do amor materno.

Essa famosa autora mostra como a construção social sob a maternidade responsabilizou mulheres pelo cuidado com os filhos, a atenção e proteção as suas crias, o que, na Idade Média, não era sua obrigação. Conta que em determinado nível, os filhos podem – perigosamente – virar as únicas ambições dessas mulheres-mães, sonhando com um futuro bem melhor que o seu para seus pequenos: “Totalmente entregue às suas novas obrigações [...] a nova mãe é essa mulher que conhecemos muito bem, que investe todos os seus desejos de poder na pessoa de seus filhos” (BADINTER, 1985, p. 212).

Porém, quando imaginamos não haver espaço para nenhum discurso contemporâneo que fuja das questões de gênero tradicionais, encontramos no livro *Pedro e Lua* (MORAES, 2004), uma proposta de leitura de uma masculinidade voltada para o lado sensível e emotivo, em que até lágrimas aparecem. O protagonista sente falta de sua tartaruga de estimação quando ela morre, como é mostrado na figura 8: vê-se um menino sentado na cama, cabisbaixo, que aparenta estar inconsolável, trazendo a ideia de que é permitido a um menino sofrer e demonstrar sua tristeza.

Figura 8 – Pedro e Lua

Fonte: Moraes (2004).

Há, ainda, outra obra que narra uma subversão dos papéis de gênero tradicionais. Em *Murucututu, a coruja grande da noite* (BAGNO, 2005), a protagonista é mostrada como corajosa, esperta e valente. O narrador diz que “A menina era sabida, esperta de cem mil manhas e mil artes, com muitas invencionices. Cuidava de a tudo emprestar muita atenção, aprender com as coisas os segredinhos da vida” (BAGNO, 2005, p. 6). Ela ainda desafia figuras de autoridade como o padre e a temida Murucututu, com suas peripécias e comportamentos arrojados.

São exemplos de discursos que coexistem e que mostram que há espaço para a diversidade, para o novo e para outras possibilidades além das tradicionais e do estereotipado. Há autoras que nos revelam que, na atualidade, encontramos com mais facilidade, na literatura para crianças, discursos que trazem novas propostas em relação aos tradicionais papéis de gênero. Vidal e Neuls (2006), por exemplo, dedicam-se a pesquisas de livros infantis que tentam romper com os tradicionais estereótipos de gênero a que estamos acostumados, abrindo espaço para novas possibilidades de espelhamento para meninos e meninas e para a forma como eles/elas enxergam o sexo oposto.

Considerações finais

Após a análise das obras citadas, percebe-se o quanto ainda somos tomadas diariamente – e sutilmente – pelos discursos que promovem as relações de gênero tradicionais e a manutenção de papéis sociais que parecem anteceder as primeiras lutas feministas contra a opressão do patriarcado. Esses são exemplos que se somam a todos os outros discursos de dispositivos de informação – família, escola, mídia... – que difundem esses mesmos ideais, colocando a figura feminina em uma posição submissa e

não-empoderada, dependente das decisões e atuações do gênero masculino que são sempre corretas, corajosas e viris.

Destacamos, ainda, que o dispositivo que analisamos neste trabalho é destinado a um público que está em plena constituição de sua identidade – embora sejamos conscientes que esse processo nunca se finda, mas que é muito intenso na infância – trazendo à tona uma preocupação veemente. Como esperar que tenhamos um futuro com relações de gênero menos desiguais se as crianças contemporâneas são bombardeadas por inúmeros discursos que reproduzem os estereótipos de gênero clássicos?

Na pesquisa que deu origem a este recorte (BOTTON, 2011), apontamos, ainda, que mesmo com a presença de discursos que se assemelham aos ideais pensados para a contemporaneidade, percebemos que são em número reduzido perto daqueles tradicionais que estamos acostumadas a ver e ouvir nos diferentes contextos que circulamos. Não devemos, porém, pensá-los como inexpressivos, já que todas/todos aquelas/aqueles que partilham das propostas da equidade de gênero sabem que muitas das mudanças já conseguidas – e as muitas que virão – se fazem através de um longo caminho de lutas diárias e eficientes, mesmo que, muitas vezes, sejam sutis e pareçam ineficazes.

REFERÊNCIAS

- ARÁN, Márcia; PEIXOTO JÚNIOR, Carlos Augusto. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 28, p. 129-147, jan./jul. 2007.
- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BAGNO, Marcos. *Murucututu, a coruja grande da noite*. Ilustração de Nelson Cruz. São Paulo: Ática, 2005.
- BIBIAN, Simone. *O menino, o cachorro*. Ilustração de Mariana Massarana. Rio de Janeiro: Manati, 2006. Não paginado.
- BOTTON, Andressa. “E o prêmio vai para...”: os estereótipos de gênero nos livros infantis premiados na última década. 2011. 111 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 151-172.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CRUZ, Nelson. *Chica e João*. São Paulo: Cosac Naify, 2000.
- FALCÃO, Adriana. *Mania de explicação*. Ilustração de Mariana Massarani. São Paulo: Salamandra, 2001. Não paginado.
- FELIPE, Jane. Do amor (ou de como glamourizar a vida): apontamentos em torno de uma educação para a sexualidade. *Discutindo sexualidades*. Porto Alegre, 2 set. 2010. Disponível em: <<http://generoesexualidades.blogspot.com/2010/09/do-amor-ou-de-como-glamourizar-vida.html>>. Acesso em: 1 ago. 2013.
- FEMENÍAS, Maria Luisa. *Judith Butler*. Madrid: Ediciones Del Orto, 2003.
- FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2. ed. Tradução de S. Netz. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- GILL, Rosalind. Análise de discurso. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Org.). *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 244-270.
- HETZEL, Graziela Bozano. *O jogo de amarelinha*. Ilustração de Elisabeth Teixeira. Rio de Janeiro: Manati, 2007.
- HETZEL, Graziela Bozano. *O lobo*. Ilustração de Elisabeth Teixeira. Rio de Janeiro: Manati, 2009.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-34.
- MARTINS, Elieclília de Fátima; HOFFMANN, Zara. Os papéis de gênero nos livros didáticos de ciências. *Ensaio: Revista Pesquisa em Educação em Ciências*, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 106-120, 2007. Disponível em: <<http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/ensaio/article/viewArticle/124>>. Acesso em: 5 nov. 2013.
- MATHISON, Sandra. Why triangulate? *Educational Researcher*, v. 17, n. 2, p. 13-17, 1988.

- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Mudança: conceito-chave para intervenções sociais e para avaliação de programas. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves; SOUZA, Edinilsa Ramos. *Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais*. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz, 2008.
- MORAES, Odilon. *A princesinha medrosa*. São Paulo: Cosac Naify, 2002. Não paginado.
- MORAES, Odilon. *Pedro e Lua*. São Paulo: Cosac Naify, 2004. Não paginado.
- MORENO, Montserrat. *Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola*. São Paulo: Moderna, 1999.
- MOREYRA, Carolina. *O guarda-chuva do vovô*. Ilustração de Odilon Moraes. São Paulo: DCL, 2008.
- MUNDURUKU, Daniel. *O segredo da chuva*. Ilustração de Marilda Castanha. São Paulo: Ática, 2003.
- PAECHTER, Carrie. *Meninos e meninas: aprendendo sobre masculinidades e feminilidades*. Tradução de Rita Terezinha Schmidt. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- PENN, Gemma. Análise semiótica de imagens paradas. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Org.). *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 319-342.
- RODRIGUES, Paula. *Questões de gênero na infância: marcas de identidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.
- SCHOLZE, Lia. *Gênero, memória e docência*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Educação, 2001.
- SILVA, Thálita Cavalcanti Menezes; AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida. Identidade feminina: engendrando espaços e papéis de mulher. *Revista de Psicologia da Imed*, Passo Fundo, RS, v. 1, n. 2, p. 192-200, 2009.
- VIDAL, Fernanda Fornari; NEULS, Janaína Souza. Contos de fadas modernos: ensinando modos de ser homem e ser mulher. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 7, 2006, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis, SC: UFSC, 2006. Disponível em: <http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/V/Vidal-Neuls_54.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2013.

WILKE, Maria Eliza Vernet Machado. A transmissão de modelos femininos e masculinos nos livros infantis. In: STREY, Marlene Neves et al. (Org.). *Encenando gênero: cultura, arte e comunicação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 343-364.

WITTIG, Monique. Ninguém nasce mulher. In: PESSACH, Marian; CASTILHOS, Clarisse. *Em rebeldia: da bloga ao livro*. Porto Alegre: Colección Libertaria, 2009. p. 91-102.

ZANCANI, Cristine Lima. *A visão premiada da infância: análise literária de personagens consagradas pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil*. 2001. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. São Paulo: Global, 2006.

Gendering process of childhood through children's books: possible effects on boys and girls

Abstract

This research results from the interest in questioning the sexual binary based on biological determinism, considering that, since childhood, manners of carrying out masculinity and femininity are taught, based in sexist and patriarchal social constructions according to sex and its corresponding gender. It had as focus the study of feminist gender theories, in a post-structuralist bias of analysis. In this way, an analysis of ten children's books which were awarded in the last decade (2001-2010) by the Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) was proposed. The goals of the study were to understand how the gender issues are demonstrated in these books and if/how they contribute to the maintenance of the stereotypes of gender and subsequent attitudes of submission by women in relation to the male domination. To reach them, we used the method of Discourse Analysis in the texts of these books and Semiotic Analysis of Still Images in their illustrations, getting a proposal of triangulation of methods. We notice that traditional gender stereotypes are still strongly present in these contemporary works, exposing motherhood, marriage and male dependency associated with female figures. In the other hand, issues like free will to express themselves in public scenarios, courage and virility were linked to male figures, succumbing to a traditionally stereotyped end concerning gender issues, and, this way, creating ideas of how to intervene in order to promote gender equity in childhood.

Keywords: Gender. Childhood. Children's literature.

La inculcación del género a través de los libros infantiles: posibles consecuencias en niños y niñas

Resumen

Esta investigación tiene origen en el interés en problematizar el binarismo sexual basado en el determinismo biológico, considerando que desde la infancia, son enseñados modos de ejercer las llamadas masculinidades y femineidades a partir de construcciones sociales sexistas y patriarcales según el sexo y el género correspondiente. Tuvo como enfoque el estudio de las teorías de género feministas posestructuralistas de análisis. En ese sentido, se analizaron diez libros infantiles premiados durante una década (2001-2010) por la *Fundação do Livro Infantil e Juvenil* (FNLIJ). Los objetivos del estudio fue comprender como las cuestiones de género aparecen en esas obras y si/cómo contribuyen para la manutención de los estereotipos de género y posteriores actitudes de sumisión de las mujeres a la dominación masculina. Para tal fin, utilizamos el análisis de discurso en los textos y Análisis Semióticas de Imágenes Paradas en las ilustraciones, configurando una propuesta de triangulación de métodos. Hemos percibido que los estereotipos de género tradicionales aún están muy presentes en las obras contemporáneas, evidenciando la maternidad, el matrimonio asociados a la dependencia femenina. Las cuestiones de libre arbitrio para manifestarse en escenarios públicos, el coraje y la virilidad son asociadas a las figuras masculinas, culminando con finales tradicionalmente estereotipados respecto al género, produciendo así ideas de cómo intervenir a fin de promover la equidad de género en la infancia.

Palabras claves: Género. Infancia. Literatura Infantil.

Andressa Botton

E-mail: andressa_botton@hotmail.com

Marlene Neves Strey

E-mail: streymn@puccs.br

Recebido em: 3/12/2014

Aprovado em: 27/5/2015